CARTA DO EDITOR

A castanheira (*Bertholletia excelsa*) é um dos mais conhecidos produtos florestais não madeireiros do mundo. Ela é encontrada em todos os países amazônicos. Árvore imponente das florestas tropicais, desempenha um papel-chave tanto na ecologia de muitas das florestas onde ocorre, como também nas condições de vida das mais de um milhão de pessoas envolvidas na coleta, processamento e comercialização das castanhas e dos produtos delas derivados, que, assim, alcançam consumidores em todo o mundo. De um modo geral, as pessoas que colhem castanhas são alguns dos mais vulneráveis habitantes da Amazônia, dependendo criticamente da produção das castanheiras para prover suas necessidades mais básicas de subsistência.

Apesar de ser o objetivo de muitas décadas de pesquisa e incontáveis tentativas de domesticação, ainda resta muito a ser aprendido acerca da ecologia, manejo e conservação dessa espécie. Por essa razão, é com grande satisfação que apresentamos este novo número especial do **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais**, intitulado "A castanheira: história natural e importância socioeconômica", organizado por Rafael de Paiva Salomão (MPEG/MCTI). Com contribuições conjugando múltiplas disciplinas, diversas regiões da Amazônia e pesquisadores ligados a universidades, instituições governamentais de pesquisa, à sociedade civil e a outras organizações, este número apresenta um valioso conjunto de informações e dados referentes a essa espécie tão notável.

O conjunto de artigos apresentado nesta edição ressalta a grande diversidade de questões relacionadas à ecologia e à extração da castanha-do-brasil. A partir de uma perspectiva puramente ecológica, são apresentados novos dados quanto à demografia, à restauração e à fenologia das castanheiras. Souza *et al.*, Guedes *et al.* e Scoles *et al.* reportam uma densidade surpreendentemente alta de mudas e de castanheiras jovens em florestas em regeneração e em áreas de florestas secundárias jovens, com histórico de atividade de agricultura por corte e queima, sugerindo que a castanheira é capaz de sobreviver e de se reproduzir em áreas perturbadas de um modo bem mais efetivo do que se poderia esperar. Salomão *et al.* apresentam dados obtidos na região de Porto Trombetas, estado do Pará, indicando que a castanheira pode ser capaz de mostrar sua capacidade regenerativa, mesmo em áreas severamente impactadas por atividade de mineração. Relembrando o entendimento atual sobre a ecologia da castanheira, Thomas *et al.* apresentam um notável panorama acerca da paleoecologia da espécie, sugerindo que sua ocorrência pretérita restringia-se, em sua maior parte, a um grande refúgio situado na Amazônia ocidental, e que a expansão para as áreas onde ocorre atualmente foi impulsionada por uma combinação tanto de fatores naturais quanto por uma ativa e efetiva distribuição por populações indígenas nativas.

Os estudos detalhados acerca dos aspectos ecológicos relacionados às castanheiras, aqui apresentados, vêm acompanhados por outro conjunto de trabalhos, que, apoiados por dados de campo, revisam os diversos aspectos relativos à gestão e ao manejo da espécie, evidenciando claramente não apenas sua imensa importância para centenas de milhares de pessoas que vivem na região, como também a atual situação de fragilidade e vulnerabilidade demonstrada pela indústria extrativa em vários lugares. Outras contribuições, incluindo Bayma *et al.*, Santana *et al.* e Homma *et al.*, descrevem com detalhes o quanto tem sido tumultuado o estabelecimento das cadeias de comercialização da

castanha-do-brasil na Amazônia ao longo desses quase cem últimos anos. Essa mesma instabilidade tem desafiado as tentativas implementadas no sentido de tornar a extração da castanha uma opção econômica viável e duradoura para muitas comunidades rurais. Alguns dos trabalhos desse número especial evidenciam a capacidade da castanheira em sobreviver, e mesmo multiplicar-se, em áreas degradadas, mas também ressaltam as dificuldades enfrentadas por comunidades da região em suas tentativas de domesticar a espécie.

Várias contribuições, incluindo a de Cunha, no Pará, e Tonini *et al.*, em Roraima, destacam que a extração e a comercialização da castanha-do-brasil representam uma parcela significativa da renda de comunidades ribeirinhas extrativistas. Além disso, esses autores demonstram que essas comunidades têm pouco, ou nenhum, controle sobre as cadeias de abastecimento das quais dependem, ressaltando a necessidade urgente de serem reforçados os sistemas institucionais e sociais que os apoiem.

Tomados em conjunto, os artigos desse número demonstram o papel vital e as perspectivas promissoras que a colheita da castanha-do-brasil traz e pode trazer para o desenvolvimento econômico de muitas das mais remotas regiões da Amazônia. Esses trabalhos também indicam que a exploração da castanha-do-brasil continua a apresentar a rara oportunidade de vincular o desenvolvimento agroeconômico com a implantação de objetivos de conservação em longo prazo. Restam muitos desafios sociais, econômicos e políticos a serem superados para que se assegure e se mantenha essa perspectiva, existindo ainda um considerável desconhecimento científico quanto a áreas básicas relativas à castanheira, incluindo ecologia, polinização, biologia floral, genética populacional e dispersão de sementes. Consideramos o conjunto de trabalhos aqui apresentados como uma importante e valiosa contribuição para estimular a discussão e a abordagem de alguns desses pontos essenciais, esperando que sejam úteis a pesquisadores, gestores ambientais e todos aqueles interessados nos diversos aspectos relacionados à colheita de castanha-do-brasil.

A edição deste número somente foi possível graças à inestimável colaboração dos vários pesquisadores que dedicaram seu tempo à revisão dos textos. A todos, os nossos mais sinceros agradecimentos. Agradecemos também ao organizador, Rafael de Paiva Salomão, pelo seu empenho durante os contatos iniciais e na seleção final do conjunto de pesquisadores que compõem essa edição. E, finalmente, mas não menos importante, externamos nosso agradecimento à equipe editorial do **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais**, que, com sua extrema dedicação e profissionalismo, nos permite trazer este trabalho aos leitores.

Toby Gardner

Editor Associado de Ecologia

Hilton Tulio Costi

Editor Científico